



Revista Diadorim
e-ISSN 2675-1216
v.27, n.2, e68578, 2025
DOI: 10.35520/diadorim.2025.v27n2a68578

Artigo original

Do estrondo à descoberta: como a serendipidade movimentou as mulheres em Nickette, de Paulina Chiziane

From the explosion to the discovery: how serendipity moves the women in Nickette, by Paulina Chiziane

D'un coup d'éclat à une découverte : comment la sérendipité fait bouger les femmes dans Nickette, par Paulina Chiziane

Taís dos Santos Abel 

Afiliação: Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: abeltais@gmail.com

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editoras convidadas

Lanie Miller
Fernanda Oliveira da Silva

Recebido: 28/05/2025

Aceito: 17/11/2025

Como citar: ABEL, Taís dos Santos. Do estrondo à descoberta: como a serendipidade movimentou as mulheres em Nickette, de Paulina Chiziane. Revista Diadorim, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, e 68578, 2025. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2025.v27n2a68578>

Resumo

A palavra Serendipidade vem lutando por um lugar nas áreas das literaturas, tendo em vista que ela já é bem representada na área científica e jurídica. Saber, a priori, que serendipidade está relacionada a descobertas incríveis que acontecem ao acaso, o presente artigo analisa corpus ficcional pertinente à discussão sobre esta palavra. Trata-se do romance Nickette, da moçambicana Paulina Chiziane. A partir de uma situação aparentemente corriqueira, acompanhamos uma radical transformação na vida da protagonista Rami. Tal transformação é vista aqui como resultante da serendipidade, sobretudo, em função do processo de conscientização detonado pelo acaso na vida da personagem.

Palavras-chave:

Serendipidade, mulher, acaso, descoberta

Abstract

The word Serendipity has been struggling for a place in the areas of literature, given that it is already well represented in the scientific and legal

fields. Knowing, a priori, that serendipity is related to incredible discoveries that happen by chance, this article analyzes a fictional corpus pertinent to the discussion about this word. It is the novel *Niketche*, by the Mozambican Paulina Chiziane. Starting from a seemingly ordinary situation, we follow a radical transformation in the life of the protagonist Rami. This transformation is seen here as a result of serendipity, above all, due to the process of awareness triggered by chance in the character's life.

Keywords:

Serendipity, woman, chance, discovery

Resumé

Le mot « sérendipité » se bat depuis longtemps pour se faire une place dans le domaine littéraire, étant donné qu'il est déjà bien représenté dans les domaines scientifiques et juridiques. Sachant, a priori, que la sérendipité est liée à des découvertes incroyables qui surviennent par hasard, cette communication dispose d'un corpus fictionnel pertinent à la discussion autour de ce mot. Il s'agit du roman *Niketche*, de la Mozambicaine Paulina Chiziane. À partir d'une situation apparemment ordinaire, nous suivons une transformation radicale dans la vie du protagoniste, Rami. Cette transformation est vue ici comme le résultat d'une sérendipité, avant tout due au processus de prise de conscience déclenché par le hasard dans la vie du personnage.

Mots-clés :

Sérendipité, femme, hasard, découverte

O que vem antes do estrondo...

As sementes da descoberta flutuam constantemente
à nossa volta, mas só lançam raízes nas mentes
bem-preparadas para recebê-las.¹

Joseph Henry

Esse excerto contribui para o artigo, uma vez que nos indicam e nos fazem refletir sobre acasos e descobertas, o que permeia o significado do termo que ora é apresentado. A palavra serendipidade já suscitou muitos estudos, definições e reflexões. O termo em questão vem do inglês *Serendipity*, o qual foi usado pela primeira vez

¹ Gonçalves, 2017

em 28 de janeiro de 1754, em uma carta de Horace Walpole. Nesta carta, dirigida a um amigo, conta como descobrira por acaso uma pintura valiosa:

“Esta descoberta é quase daquele tipo a que chamei serendipidade, uma palavra muito expressiva, a qual, como não tenho nada melhor para lhe dizer, vou passar a explicar: Uma vez li um romance bastante apalermado, chamado os três príncipes de Serendip: enquanto suas altezas viajavam, estavam sempre a fazer descobertas, por acaso e sagacidade, de coisas que não estavam a procurar...” (GONÇALVES,2017)

Após sua origem, o termo passou, de forma mais ampla, a ser utilizado para descrever situações descobertas ao acaso. Nota-se, contudo, que, para que tais descobertas se caracterizam, de fato, como serendipidade, é preciso haver atenção, a fim de que o momento de serendipidade não passe despercebido. Logo, a existência ou o êxito do conceito é possível apenas quando realmente houver consciência da descoberta. Se o processo de conscientização é primordial para que percebamos alguns momentos, na realidade ou na ficção, em que o acaso traz descobertas inesperadas, vale marcar, aqui, outra circunstância fundamental na serendipidade: a circunstância da felicidade, embora nem sempre essa consciência de felicidade, em uma descoberta casual, seja clara no primeiro momento. Afinal, como afirma Merton (2004), o primeiro teórico a sistematizar e estudar o conceito, a serendipidade descreve um processo que é quintessencialmente ambíguo e dinâmico. E talvez a atenção seja um dos aspectos mais importantes para que a serendipidade seja vivida e percebida.

Os exemplos de situações de serendipidade se multiplicam e desdobram, nos estudos de Merton, revelando-nos, ainda, a importância de aspectos como o esforço, a determinação, a abertura intelectual e até mesmo a clarividência. Nesse sentido, a descoberta da penicilina talvez seja o mais impactante momento de serendipidade em que a ideia do elemento premonitório desempenhou um papel fundamental. O cientista Alexander Flemming não apenas percebeu uma alteração em sua experiência com bactérias, mas também atentou para o significado dessa alteração e intuiu a importância revolucionária da descoberta que estava protagonizando para a medicina naquele momento.

Como exemplo de serendipidade nas literaturas africanas, há o romance de Paulina Chiziane, *Nicketche: uma história de poligamia* (2004) Ao longo do romance, encontramos uma série de situações casuais de serendipidade, nas quais não só a protagonista, mas as demais mulheres de Tony vão tomando consciência dos mecanismos de controle e opressão que as cercam e de como podem romper com muitas dessas barreiras. Assim como a protagonista Rami percebe que uma situação inusitada a levou sair de seu lugar de conforto e enfrentar questões novas, suas

rivais/irmãs vivem vários momentos que, ao acaso, lhe fazem grandes revelações extremamente positivas.

O estrondo

“Mulher é terra. Sem semear, sem regar, nada produz.”

Provérbio zambeziano

Este é o prefácio do romance moçambicano elencado para este artigo. Consequentemente, esse provérbio ressalta a grandiosidade do que é ser mulher e o quanto isso permeia no campo das ideias férteis. Enquanto há sementes da descoberta flutuantes, há o solo fértil de uma mulher que está bem-preparada para recebê-las. Mais uma prova de que a serendipidade tem afinidades com o feminino, pois para que ela aconteça, é preciso estar aberto intelectualmente e possuir sensibilidade para a compreensão de que algo está acontecendo. Dessa forma, a mulher negra rompe as barreiras da dominação e experimenta uma nova forma de ver o mundo, superando e sobrevivendo às adversidades da vida.

É importante refletir também sobre a relevância da escrita feminina no espaço africano, dando destaque ao moçambicano, através de Paulina Chiziane. Sua escrita moçambicana é tomada por denúncias sociais que problematizam o papel da mulher africana nessa sociedade. Segundo Fonseca (2004), a produção literária de mulheres africanas é muito próxima de outras literaturas de espaços em que mulheres transgressoras ocupam. Mesmo assim, ainda é vista a submissão, a indiferença e marginalização a que mulheres são submetidas, tanto em aspectos sociais quanto em relação à publicação de suas obras. Ainda existem muitas violências sofridas e veladas em relação às mulheres negras. No contexto africano, alguns países ainda designam à mulher a exclusiva tarefa de cuidar dos filhos e maridos.

No entanto, a história de Paulina apresenta alguns desvios dessa “condenação” de ser somente esposa e mãe. Ela faz um testemunho de sua trajetória que demonstra o quão difícil é ser uma escritora em uma estrutura tão machista. Fonseca corrobora com essa dificuldade em seu relato:

Não é por acaso que a presença de mulheres na literatura canônica, oficializada, é sempre muito reduzida. Razões culturais e políticas explicam, por exemplo, o modesto número de textos literários de autoria feminina nos catálogos da maioria das editoras não especializadas em temas ligados ao feminino. (FONSECA, 2004, p. 284)

Em África, as dificuldades para a literatura feminina eclodir são mais intensas, uma vez que há tradições que minimizam as capacidades das mulheres e, conseqüentemente, limitam o acesso delas à educação. Sendo assim, os editores seguem os mesmos princípios com complexas formas de eleição e aceitação de escritoras e com critérios aleatórios para a circulação de seus textos. Portanto, Chiziane fez reflexões acerca do seu fazer literário e relata como vem rompendo as barreiras do patriarcado ao usar a escrita como ferramenta para a libertação de corpos femininos que estão sempre enclausurados em situações angustiantes. No seu testemunho, Paulina Chiziane (2013) se debruça na ideia de como a mulher é o centro do universo; porém, há uma construção, “sob a máscara da criação divina”(CHIZIANE, 2013,p.6), de que o homem é o produto principal e a mulher, ao mesmo tempo que traz vida, força e riqueza, traz também a maldição, o castigo e o pecado em sua essência.

Comparo a mulher à terra porque lá é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra. (CHIZIANE, 2013, p.8)

Nesse viés, há uma reflexão de Laura Padilha (2004), sobre antologias africanas femininas, que corrobora o relato da romancista. Para a teórica, a “essência feminina” que é construída a partir da imagem da menstruação, gestação e aleitamento não deixa de ser importante para o universo literário. Desse modo, a mulher é personificada pela força da terra. Isso, contudo, não a afasta de ser o solo fértil, pois não só gerará homens livres das amarras da escravidão, como também será capaz de criar estratégias de sobrevivência no patriarcado e de superação de suas dores. Sendo assim, Chiziane, em seu relato, problematiza as oscilações da visão do corpo-mulher na África. Ora é sacralizado, ora é demonizado. Parece que as mulheres são meros objetos que são úteis ou inúteis à serventia dos homens. “Mas e se Deus fosse mulher? A ordem da vida estaria invertida?” (CHIZIANE, 2013, p.6). Essa indagação feita pela autora questiona o papel da mulher nessa sociedade que muito a maltrata. Para isso, ela cita, por exemplo, a figura da Cleópatra que, sendo uma rainha, nunca demonstrou pensar nas mulheres. A vaidade e a ganância predominaram em sua trajetória. Apesar de ter sido uma grande general, nunca se preocupou com a condição social das mulheres de seu povo. Paulina conclui que poucas mulheres, quando chegam ao poder, pensam em outras mulheres.

Se acreditamos na ideia de que o homem é a imagem de Deus, podemos também imaginar que a rainha é a imagem da deusa. Valerá a pena alimentar a ilusão de que o mundo seria diferen-

te e melhor se Deus fosse mulher? Penso que não. A história mostra-nos que não basta ser mulher para ser justa. A questão é muito mais profunda. (CHIZIANE, 2013, p. 2)

A partir de então pode-se crer que as mulheres pretas são mais sensíveis, mais atentas e estão a pensar em estratégias para permanecerem vivas e ativas diante de tantos obstáculos. Tal persistência e vigor podemos depositar na serendipidade, já que o termo é um disparador de uma consciência aberta a encontrar algo que não se está procurando e a sentir realização por isso. A necessidade de viver a serendipidade alia-se à narrativa de Chiziane que acredita na importância de divagações sobre situações cotidianas para se fortalecer a caminhada rumo à modificação deste mundo tão injusto para as mulheres. A vontade de amenizar as adversidades da vida das mulheres pretas, se revela, em diálogo com a dororidade², a intenção de clamar pelo lugar de fala não só das autoras negras, mas de todas as mulheres, com o apoio de toda a sociedade, uma vez que essa preocupação é pertinente à coletividade. Esse posicionamento se aproxima muito de hooks (2018), ao propor que o feminismo é para todo mundo, uma vez que se faz necessário, para uma mudança expressiva, a presença homens e mulheres desconstruindo o olhar patriarcal que desqualifica as mulheres. Dessa forma, entende-se que Paulina Chiziane propõe transformar o silêncio e a ausência em visibilidade. Essa escrita transformadora, carregada de denúncia, pode ser atribuída ao papel da serendipidade na vida das personagens criadas por elas. São personagens que são resgatados pela serendipidade para que consigam sobreviver às ameaças que, apesar de estarem em um campo ficcional, são comuns a muitas mulheres. Os textos e composições de mulheres negras exaltam a sensibilidade feminina, a vontade de viver e superar as dores, além de trazer um certo apaziguamento que ameniza a solidão e impulsiona mudanças para se ter uma vida melhor. Esses atributos lhes dão condições de encontrar as respostas que podem amenizar as adversidades da vida.

A descoberta

Em face do exposto, a análise de Niketche é bastante importante para nos aproximar do conceito de serendipidade. Paulina Chiziane (2004) traz em seu romance Niketche: uma história de poligamia uma protagonista que vê sua vida transformada em um dia aparentemente comum em seu vilarejo. Após ouvir um grande estrondo e se assustar, Rami é alertada pelas vizinhas que seu filho quebrou o vidro do carro de um homem rico. Nesse momento, ela se viu totalmente indefesa e desprotegida.

² Dororidade - Conceito cunhado por Vilma Piedade (2017), o qual descreve a dor vivida por mulheres negras e compartilhada entre elas

Do alto do céu desliza um punhal invisível contra meu peito. Ganho a mudez das pedras, estou aterrada. Consigo apenas suspirar: ah, Betinho, meu caçulinha! Aquele carro é de homem rico. O que será de mim? (CHIZIANE, 2004, p. 10)

Em pânico, Rami começa a se dar conta da contradição em que vive: sua dependência total de um marido que está sempre ausente. E, ao escutar as histórias espantosas de suas vizinhas, expondo suas dores e solidões, ela percebe que não é a única a sofrer desses males.

Mas por que se foram embora os nossos maridos, por que nos abandonam depois de muitos anos de convivência? Por que nos largam como trouxas, como fardos, para perseguir novas primaveras e novas paixões? Por que é que, já na velhice, criam novos apetites? Quem disse aos homens velhos que as mulheres maduras não precisam de carinho? (CHIZIANE, 2004, p. 12)

A personagem, começa, então, a se perguntar o porquê desse distanciamento e, durante esse autoquestionamento, percebe que foi desprezada na maior parte dos vinte anos de seu casamento com o Tony: “Vivi apenas dois anos de felicidade completa num total de vinte e tantos anos de casamento” (CHIZIANE, 2004, p. 14). Desencadeia-se, assim, um processo de reflexão, no qual se dá conta da baixa autoestima, enquanto se indaga sobre os motivos das constantes ausências de Tony. Dessa forma, Rami começou a perceber como vinha se descaracterizando por causa de um homem que talvez nem a amasse mais.

Fecho os olhos e escalo o monte para dentro de mim. Procu-ro-me. Não me encontro. Em cada canto do meu ser encontro apenas a imagem dele. Solto um suspiro e só me sai o nome dele. Desço até o âmago do meu coração e o que é que eu encontro? Só ele. Tenho por ele um amor puro e perfeito, será que ele não vê? (CHIZIANE, 2004, p. 14)

Assim, a partir de uma situação aparentemente corriqueira, “um estrondo que se ouve do lado de lá” (CHIZIANE, 2004, p. 9), acompanhamos uma radical transformação na vida de Rami.

Entro num delírio silencioso, profundo. Rajadas de ansiedade varrem-me os nervos como lâminas de vento. Este acidente enche-me de dor e de saudade. Meu Tony, onde andas tu? Por que

me deixas só a resolver os problemas de cada dia como mulher e como homem, quando tu andas por aí? (CHIZIANE, p. 10)

Tal transformação é vista aqui como resultante da serendipidade, sobretudo, em função do processo de conscientização detonado pelo acaso na vida da personagem. Consciência essa que oscila por não se reconhecer diante do espelho, “essa aí não sou eu” (CHIZIANE, 2004, p. 15) e “modéstia a parte, sou a mulher mais perfeita do mundo” (p. 14).

Paro de chorar e volto no espelho. Os olhos que se reflectem brilham como diamantes. É o rosto de uma mulher feliz. Os lábios que se reflectem traduzem uma mensagem de felicidade. (CHIZIANE, p. 15)

No caminho ao encontro de si, após tanta dor e angústia, Rami sente o apaziguamento causado pela sua reflexão, decorrente de sua descoberta. Instala-se, portanto, uma circunstância feliz que promove seu deslocamento rumo ao enfrentamento dos seus incômodos.

Desperto inspirada. Hoje quero mudar meu mundo. Hoje quero fazer o que fazem todas as mulheres desta terra. Não é verdade que pelo amor se luta? Pois hoje quero lutar pelo meu. Vou empunhar todas as armas e defrontar o inimigo, para defender meu amor. Quero tocar na alma de todas as pedras no caminho. (CHIZIANE, 2004, p. 19)

De mente aberta e satisfeita, ela sai de casa e acaba descobrindo as mulheres com quem seu marido mantinha um relacionamento extraconjugal e, numa outra situação inesperada, que será analisada em seguida, termina unindo-se às rivais e apoiando-as. Proporciona, assim, a todas as outras mulheres, a possibilidade de também estarem atentas a momentos serendípicos.

Atentemos para o momento em que Rami inicia seu processo de conscientização e transformação: “Toda esta revolução começou com a história de Betinho. Vidro quebrado é mau agouro, confirma-se a sabedoria popular” (CHIZIANE, p. 27). A serendipidade vivida por Rami é de tal pertinência, que sua constatação aponta para a sua consciência sobre a importância do estrondo do vidro. Essa quebra do vidro pelo seu filho, que parecia, inicialmente, sinal de má sorte, revela-se, aos poucos, como o acontecimento que propiciou uma verdadeira revolução em sua vida, levando-a a um périplo rumo à autodescoberta. As situações vividas pela protagonista, a partir do incidente com seu filho, passaram a ser examinadas com mais cuidado, como se a sua consciência fosse despertada para uma reflexão seren-

díptica que passou a cultivar a atenção a cada acontecimento inusitado. Essa atenção aguçada é detectada, quando Rami decide se deslocar na intenção de resolver sua inquietação:

“Quero beijar grão a grão a areia que tece o solo fecundo onde me aleito. Fecho os ouvidos ao mundo e apenas escuto o silêncio do meu percurso. Escuto o som intermitente da chuva miúda caindo na vidraça” (CHIZIANE, 2004, p. 19).

Nesse momento, Rami está determinada a lutar pelo amor do marido, acreditando que seria o correto a se fazer. A sociedade patriarcal responsabiliza as mulheres pelos erros de seus companheiros. Portanto, nossa protagonista, em um ato sinestésico, percorre até a casa de quem ela acredita ser a rival: Julieta. Segura de si, a esposa pensa em agir com violência ao encontrar a amante: “ferver um pote de óleo e jogar na cara dela” e “rezar com todo fervor para que ela morra” (CHIZIANE, p. 19). Parada em frente a porta da culpada de seus infortúnios, ela começa a fazer comparações, notavelmente enraivecida e enciumada. Então, ao tocar a campainha da casa de Julieta, Rami começa a se perguntar sobre o porquê de seu deslocamento, ao mesmo tempo em que invade a casa da outra, analisando tudo que havia dentro da casa, inclusive as características da mulher que, no seu entendimento, deveria ser “melhor” do que ela. Diante de tantos sentimentos vindo à tona, inicia-se um enfrentamento entre as duas em seis rounds. O primeiro começa com agressões verbais e xingamentos; no segundo, Rami ataca Julieta fisicamente, que revida de forma truculenta; no terceiro, Rami reage apesar de estar bastante ferida; no quarto, a protagonista se encontra em posição de derrota, achando até que iria morrer; no quinto, Julieta dá uma garrafada na nuca de Rami que, no sexto round, desmaia. A partir desse momento, há uma ruptura de expectativa, na descrição de uma cena de duas mulheres brigando.

O meu estado era tão deplorável que não podia andar naquelas condições. A Julieta levou-me para dentro de casa. Deu-me banho morno. Fez-me os pensos para estancar as feridas. Escolheu suas melhores roupas e me vestiu como uma princesa. Lavou-me a cabeça e me penteou o cabelo. Tem um grande coração esta mulher. (CHIZIANE, 2004, p. 23)

Temos, portanto, a observação de Rami diante de um fato anômalo. Aquela a quem ela tratou como rival lhe deu uma resposta diferente do que esperava. Apesar de ferida, ela compreendeu a ação de Julieta e percebeu que ela era uma pessoa boa, tão sofrida e enganada quanto ela. Há meses sem ver o Tony, as duas começaram a identificar pontos de intersecção em suas histórias para entender a ausência do

marido. Interessante, nesse momento, como Rami teve uma mente aberta que a levou a pensar que “ela é mais uma vítima do que uma rival. Foi caçada e traída como eu” (CHIZIANE, 2004, p. 25). Logo, suas reflexões levam a indagar onde o marido estaria. A resposta imediata não lhe agradou, pois Julieta contou que havia uma terceira esposa, a quem ela também havia agredido. Rami ficou surpresa com a postura da vítima: “Mas... Julieta, como podes andar à pancadaria por um marido que nem sequer é teu?” (CHIZIANE, p. 25). A resposta a surpreende: “E o que significa a palavra teu, quando se trata de um homem” (CHIZIANE, p. 25). Essa cena ilustra como evolui o processo de reflexão, que aos poucos se revela não só a Rami, como também a Julieta.

Gera-se um momento de pausa, grave, profundo. Desafiemo-nos, olho por olho. A Julieta revela-me uma verdade mais cáustica que uma taça de veneno. Ter é uma das muitas ilusões da existência, porque o ser humano nasce e morre de mãos vazias. (CHIZIANE, 2004, p. 25)

Rami começa a sentir um incômodo profundo em relação ao cenário que estava vivenciando. Partiu a pensar na razão de sua existência enquanto mulher. Ademais, começou a constatar que seu relacionamento não tinha o sentido que ela acreditava. Mesmo após Julieta desabafar sobre um homem que só vinha lhe fazer filhos, Rami ainda oscila em pensar que as duas não estão em igual situação, já que vê Julieta como uma mulher mais bonita, nova e sofrida. A esposa pensa que Tony a deixou para ficar com Julieta por ela ter esses predicados. Em contrapartida, Rami tem um olhar aguçado e empático em relação à rival que não teve as mesmas oportunidades que ela enquanto esposa oficial. Então, Julieta despeja o que pensava sobre a inusitada relação que estava sendo construída entre elas.

As mulheres são diferentes no nome e na cara. No resto somos iguais. Vejamos. Ele enganou-te e enganou-me. Quando não está aqui, penso que está contigo e vice-versa. Disse-te que te amava. Disse-me que me amava. Estamos aqui como duas prisioneiras lutando pelo mesmo homem. Oh, meu Deus, como eram maravilhosas as coisas que ele me dizia. E qual foi o resultado? Encher-me de filhos e partir. (CHIZIANE, 2004, p. 26)

A sensação paradoxal de Rami em relação a Julieta é desfeita abruptamente após o pronunciamento da última. Com esse discurso, a consciência de Rami é mais uma vez iluminada pela faculdade dela encontrar algo que não estava procurando.

A minha consciência ganha um peso de chumbo. Sinto um sentimento doce a brotar do meu silêncio. Da janela aberta vejo o céu cinzento e sinto vertigens. Treme de piedade, de tristeza, de vergonha. Todas as mulheres são gémeas, solitárias, sem auras nem primaveras. Buscamos o tesouro em minas já exploradas, esgotadas, e acabamos por ser fantasmas nas ruínas dos nossos sonhos. (CHIZIANE, 2004, p. 26, grifos nossos)

Essa consciência que rasga o pensamento e amplia o olhar é o que nomeamos como serendipidade. Por não ter uma mente módica, Rami conseguiu, nesse momento, como uma mulher bastante sagaz e sensível, detectar o que realmente havia de errado acontecendo com ela, Julieta e, veremos a seguir, com outras mulheres: era Tony, figura que representava todo o machismo que as adoecia e angustiava.

De tudo o que hoje aprendi, gostei mais desta lição. Porque o casamento deve ser uma relação sem guerra. Porque levei muita sova nessa vida. Porque um lar de harmonia se constrói sem violência. Porque quem bate na sua mulher destrói o seu próprio amor. Ponho a mão na consciência e um fio de remorso me sacode: por que eu agredi Julieta? (CHIZIANE, 2004, p. 40)

Portanto, sua autorreflexão trouxe a evidência de que havia errado em agredir Julieta. Após pedir desculpas a Julieta, a protagonista volta para casa e conversa com seu melhor amigo, o espelho, apresentando-lhe sua descoberta. Logo, recebe dele a resposta: “agrediste a vítima e deixaste o vilão. Não resolveste nada” (CHIZIANE, 2004, p. 27). Mesmo bastante ferida, Rami sentiu um certo alívio por sua percepção ter sido genuína, percebendo uma circunstância de felicidade por conta desse alívio e apaziguamento que sentiu. Além disso, o processo de serendipidade se encerra com um impulso para o deslocamento de Rami, apesar de não saber o destino. Caminha, portanto, para a convicção da necessidade de se movimentar e não mais aceitar a situação de seu casamento como se encontrava naquele momento. Por isso, seu pensamento oscila entre se divorciar ou “estostrar este lar pelo ar e procurar um novo amor” (CHIZIANE, 2004, p. 27), pois “o medo de perder o Tony afasta-se momentaneamente” (CHIZIANE, p. 42). Após levar uma surra de uma das rivais, em vez de sentir-se rancorosa, percebe que ambas eram vítimas de Tony e passa a vivenciar um sentimento de sororidade desconhecido até então.

O movimento

A sororidade entrelaça a dinâmica da narrativa do romance, uma vez que as mulheres, aos poucos, deixam de julgar umas às outras e passam a ser mais colaborativas

entre si. hooks (2018, p. 34) sinaliza a sororidade ao trazer seu relato de experiência durante e depois de ter frequentado, por um ano, uma faculdade, de público predominantemente feminino. Ela se sentiu impactada ao perceber que, no ambiente masculinizado da Universidade de Stanford, as mulheres até falavam, mas não eram ouvidas. Diante desse exemplo, ao nos reportamos para as personagens femininas de Niketche, podemos perceber que o poder da sororidade é sensacional para elas, uma vez que conseguiram, num ambiente altamente conservador, falar e ouvir. Juntas também caminharam para o entendimento de suas potências, implementando assim uma espécie de revolução feminista. Quando as mulheres se unem em sororidade, não é possível que se duvide de si mesma. Segundo a autora, a base do movimento feminista na universidade serviu para evidenciar o sexismo internalizado em cada uma das estudantes daquele espaço acadêmico, ou seja, as mulheres tinham a consciência de uma criação machista que deveria ser destruída por elas mesmas. Já no romance moçambicano, as mulheres foram construindo essa consciência conforme seus atos transgressores iam ganhando força. E, a cada momento de serendipidade, elas se movimentavam rumo à consolidação feminista. hooks comenta que:

O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras. O pensamento feminista nos ajudou a desaprender o auto-ódio feminino. Ele nos permitiu que nos libertássemos do controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência. (hooks, 2018, p. 35)

A partir do primeiro encontro com Julieta, inicia-se em Rami uma consciência, que fica cada vez mais nítida, conforme ela vai se organizando com as suas companheiras para desaprender o auto-ódio feminino, com o intuito de propiciar autonomia e independência financeira. Ela abandona seu status quo de única esposa para pensar em algo maior, que pudesse impactar na vida de outras mulheres. Tal postura contraria a ordem patriarcal de que as mulheres não poderiam se agrupar em prol de uma coletividade e individualidades femininas. Dentro dessa ordem, as mulheres unidas são consideradas como um ato de traição. Por isso, as mulheres em Niketche sofreram represálias enquanto tomavam juntas boas decisões para suas vidas. No entanto, antes de perceberem seus próprios valores, essas mulheres tiveram que enfrentar suas diferenças e compreender que não eram ameaças umas para as outras. Luísa reage violentamente à visita de Rami, mesmo a última afirmando que não estava em sua casa para brigar. Havia, portanto, ainda impregnada a ideia de que mulheres só poderiam ser rivais. Rami desconstrói isso após se ver na cela junto a Luísa.

O polícia abre a cela e tira-me. Olho para minha rival e sinto remorsos, pois fui a causadora da contenda. Digo ao polícia: essa senhora também é.

— É o quê?

— A outra mulher do meu marido.

Senti uma amargura imensa ao proferir estas palavras, mas tinha que salvá-la, afinal de contas eu é que sou a causadora da sua desgraça. (CHIZIANE, 2004, p. 52)

O olhar de Rami para a Luísa é mais criterioso, uma vez que nesse encontro ela já havia compreendido que estava diante de outra vítima de Tony. Por isso, não hesitou em analisá-la através de suas qualidades: uma mulher bonita, meiga e cheirosa. E apesar de ainda afirmar que Tony é seu marido, ela constata que “Tony não podia resistir, não, pois Luísa era bastante atraente (CHIZIANE, 2004, p. 53)”. Apesar dos atributos positivos, Luísa pareceu conformada em ser a terceira na vida de Tony, porque acredita que “quer seja esposa ou amante, a mulher é uma camisa que o homem usa e despe” (CHIZIANE, p. 54). Sendo assim, percebe-se uma mulher que ainda não tinha encontrado seu verdadeiro valor, porém dá sinais de que está prestes a descobrir, ao ser bastante objetiva e franca em suas falas. Inclusive, sua franqueza revela, de forma bem dramática, que há uma quarta mulher, Saly. E essa lhe fala da quinta, Mauá. Saly também não foi receptiva à esposa oficial de Tony. Logo, pode-se perceber que sua reação era defensiva, pois ela apresentou a seguinte visão.

Eu sou pobre. Sem pai, nem emprego, nem dinheiro, nem marido. Se não tivesse roubado o teu marido, não teria nem filhos nem existência. A minha vida seria árida como um deserto. O amor que me dá é quase nada, mas é quanto basta para me fazer florir. (CHIZIANE, 2004, p. 67)

Essa fala de Saly incomoda, pois embora estejamos diante de um texto ficcional, a colocação dessa personagem possivelmente atravessa pela realidade de muitas mulheres, principalmente as negras. Na sociedade brasileira, há um debate raso, mas crescente sobre as masculinidades negras e seus efeitos nos homens e mulheres. No entanto, a sociedade moçambicana ainda não apresenta debate consistente sobre isso, talvez pelo fato de existir outras questões dominantes que precisam ser discutidas e problematizadas, como a cultura, a política e a descolonização. É nítido que todos esses temas afetam as mulheres, porém, não há um olhar voltado para elas.

Apesar de se tratar de um contexto americano, o pensamento de bell hooks (2020) corrobora a problematização do homem negro, que é tão machista quanto o homem branco. Em sua publicação “E eu não sou uma mulher?”, hooks traz reflexões sobre o sexismo do homem negro sobre a mulher negra. Discute sobre o racismo e os efeitos sobre o homem negro; contudo, não há discussão sobre a sua faculdade em oprimir mulheres. No caso de Niketche, temos Tony como a representação de um homem negro que oprime mulheres, apoiado em sua cultura e so-

cidade, a qual distribui o papel do homem com provedor e progenitor e a mulher como reprodutora e mantenedora do lar. Tony usou seu status social para destruir a autoestima das mulheres. Por isso, Saly, acaba se apresentando como defensora desse patriarcado, dominada pela ideia de ser inútil se não for casada e tiver filhos. Essa mulher se contenta com migalhas de afeto e acredita estar florindo. Só que não está. Ela desabrocha tristezas e vazios existenciais. Desse modo, sua vida não é vida. É a reprodução do patriarcado negro que castra todas as habilidades que não são consideradas importantes nas mulheres. Enquanto Saly pensa em florir, há Mauá que, na visão de Rami, é uma flor silvestre, a qual ela não se sente à vontade nem para sentir ciúmes por se tratar de uma menina com a idade da filha dela. A juventude da menina não só a encantou, como também lhe fez compreender que jamais seguraria Tony só para ela.

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira-dama, a rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly, apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Salé, a amada, a caçulinha, recém adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (CHIZIANE, 2004, p. 58)

O termo “nosso lar” implica na compreensão da construção de uma irmandade, em que cada uma tem uma característica importante. Porém, todas estão voltadas, ainda, para a construção misógina, representada pela figura de Tony. Mesmo assim, a liderança de Rami auxilia na protagonização de cada uma delas. Unidas por questões individuais e coletivas, buscam juntas estratégias para sobreviver e superar a dor. Construir esse caminho não foi fácil e houve discrepâncias nos desejos delas. Rami, por exemplo, buscou alguns tratamentos e rituais sem um único objetivo. Em alguns momentos ela buscava a exclusividade de Tony, em outros buscava formas de curar sua dor diante do que ela considerava a falência do casamento e houve até momentos em que ela buscava a aceitação da poligamia. Por isso, Rami percorre por vários caminhos, uma vez que essa prática não era mais legitimada oficialmente na região onde morava. Suas reflexões sobre a poligamia lhe permitiram construir estratégias, a priori, para derrubar esse regime e, a posteriori, para sobreviver a ele. Ao questionar as tradições, ela se percebe em um contexto de não-pertencimento de lugares que antes ela acreditava ser dela e que lhe traziam confiança.

Preciso de um espaço de terra. Mas onde está minha terra? Na terra do meu marido? Não, não sou de lá. Ele diz-me que não sou de lá, e se os espíritos da sua família não me quiserem lá,

pode expulsar-me de lá. O meu cordão umbilical está enterrado na terra onde nasci, mas a tradição diz que também não sou de lá. Na terra dos meus pais sou passageira. Não sou de lugar nenhum. (CHIZIANE, 2004, p. 90)

A partir desses questionamentos, Rami demonstra que não mais é uma mulher inerte ao que acontece à sua volta. Por isso, considero sua atitude transgressora, uma vez que a tradição familiar e social não responde mais pelos seus atos e atitudes. Estar nesse não-lugar é um incômodo que, aos poucos, a protagonista encontrou e desconstruiu. Ela já esteve atenta às sementes flutuantes da descoberta, plantou algumas e agora está fertilizando serendipidades, resultantes dos encontros internos com ela mesma. Ao procurar respostas, com a família, elas já vinham prontas, como: “Se teu marido não te responde, é em ti que está a falta” (CHIZIANE, p. 97) — fala de seu pai. E o mais decepcionante para ele foi a fala da mãe: “Esse teu marido bonito está apenas a pastar noutras searas, mas há de voltar [...] Segura esse marido com as duas mãos. Um homem segura-se, minha filha” (CHIZIANE, p. 99). Não foi difícil para Rami esclarecer para si mesma que essa construção é injusta. Sua mãe, apesar de fiel às tradições, deu o exemplo da morte da própria irmã. Morreu por causa de uma moela de galinha.

Era domingo e a minha irmã preparou o jantar. Era galinha. Preparou a moela cuidadosamente e guardou numa tigela. Veio o gato e comeu. O marido regressou e perguntou: a moela? Ela explicou. Foi inútil. O homem sentiu-se desrespeitado e a espancou-a selvaticamente. Volta para a casa da tua mãe para ser reeducada, disse ele. Já! Ela estava tão agoniada que perdeu a noção do perigo e meteu-se em marcha na calada da noite. Eram cerca de dez quilômetros até ao lar paterno. Caiu nas garras do leopardo nas savanas distantes. Morreu na flor da idade por causa de uma imbecilidade. Morreu ela e ficou o gato. (CHIZIANE, 2004, p. 100)

A leitura da mãe de Rami sobre a morte da irmã dá um sinal de alerta para a personagem em relação à forma que os homens tratam as mulheres. Não mais tão decepcionada por sua mãe, ela entende que o lugar ocupado pela mãe ainda é de silenciamento, mas não de falta de percepção de que tipo de tratamento as mulheres estavam recebendo. Na realidade, a narrativa da mãe de Rami traz à tona a crueldade do patriarcado, validando a decisão do marido e esmagando a integridade da mulher. Conforme o sofrimento da mãe fica iminente, Rami transforma sua decepção por compaixão, entendendo que as duas são vítimas. Tal situação pode perdurar ou mudar, mas, então, a protagonista tem um despertar: “A história penetra-me

como se fosse a minha própria história, que Deus me acuda, também sou mulher” (CHIZIANE, 2004, p. 100).

Amplia-se a crítica social de Rami, já que é possível constatar como a sociedade é sexista, sempre a favor dos homens. As mulheres, sem direitos, precisam despertar para transformar essa realidade de soberania masculina que já dizimou muitas delas.

Mães, mulheres. Invisíveis, mas presentes. Sopros de silêncio que dá luz ao mundo. Estrelas brilhando no céu, ofuscadas por nuvens malditas. Almas sofrendo na sombra do céu. O baú lacrado, escondido neste velho coração, hoje abriu-se um pouco, para revelar o canto das gerações. Mulheres de ontem, de hoje e de amanhã, cantando a mesma sinfonia, sem esperança de mudanças. (CHIZIANE, 2004, p. 104)

No entanto, a poligamia tira do lugar de conforto aquela que não era feliz e não sabia. Assim, Rami, com mente em alerta, contagia as outras irmãs à compreensão de que juntas poderiam mudar suas vidas. É evidente que essa compreensão não se dá instantaneamente; ela é adquirida ao longo da narrativa. Primeiramente, essa mulher inquieta saiu a investigar o que outras mulheres pensavam sobre a poligamia, uma vez que essa não era mais uma prática da sua região. E o que lhe chamou a atenção foi que, ao perguntar aos homens sobre a mesma temática, as respostas eram diferentes. Para algumas mulheres, “a poligamia é uma cruz. Um calvário. Um inferno. Um braseiro” (CHIZIANE, p. 102). Enquanto para os homens, “a poligamia é natureza, é destino, é nossa cultura” (CHIZIANE, p. 102). Em seguida, apesar de ouvir muitas opiniões que fomentavam a discórdia entre as mulheres envolvidas no sistema poligâmico, Rami optou pela sororidade, uma vez que acreditava ser viável seguir uma orientação sábia de sua tia: “Por isso vou usar a fórmula antiga: atrair aboboreira pelas suas abóboras. A tia Maria diz que quando as mulheres se entendem, os homens não abusam”. (CHIZIANE, 2004, p. 103)

Partindo desse princípio, Rami assume a liderança e busca reunir todas as mulheres de Tony, com exceção de Mauá, a “rainha do coração dele” (CHIZIANE, 2004, p. 101), com quem ele ficava mais tempo. Além disso, por estar apaixonada, a menina poderia trair o grupo de alguma forma. Nessa roda de conversa, a líder sente uma satisfação, pois se vê em um lugar onde ela pode direcionar a si mesma e a outras mulheres rumo a conquistas. Mas, para isso, foi preciso escutá-las. Nesse viés, podemos analisar o quão importante é valorizar não só o lugar de fala das mulheres, como também o lugar da escuta.

Como experiência de lugar de escuta, há o exemplo do grupo de pesquisa, “Escritas do Corpo Feminino”, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que produziu um texto coletivo, intitulado “Relatos de experiência em torno da parábola do porco espinho”, relatando as experiências psíquicas de cada componente durante a

pandemia. Em reuniões semanais, discutiram sobre o isolamento e suas metáforas no contexto pandêmico; porém, ainda é pertinente na atualidade discutir essa temática, pois ela atravessa o tempo. Dessa forma, é perceptível que as reflexões acadêmicas não se distanciaram de momentos pessoais, e que isso pode proporcionar um lugar de escuta onde os sentimentos, anseios, dúvidas, inseguranças, conflitos e amorosidades, que atravessaram indivíduos, ressaltam achados e aprendizados sobre as múltiplas vozes, memória e pertencimento: Acredito que, exatamente, essa especificidade fomentou ainda mais a ideia de produzir um texto, a várias mãos artesãs, que refletisse nossas inquietações. (NASCIMENTO, 2020, p. 1)

É dessa forma que vemos Rami liderar e, ao mesmo tempo, perceber o quanto era importante não só elas se ouvirem, como também se escutarem, possibilitando relevar a percepção de cada uma do que a fazia sofrer. Por isso, Nascimento (2020), afirma que:

Daí resulta a importância deste lugar de escuta que materializa a memória a partir de uma experiência traumática compartilhada. Fala-se, relata-se e escreve-se para inscrever-se e não adoecer. Quando o indivíduo é privado da conexão com a realidade, isso gera adoecimento. Quando o indivíduo fala, é possível desadoecer. (NASCIMENTO, 2020, p. 1)

Pensamento esse que corrobora com a reflexão de Rami, ao se ver reunida com Julieta, Luísa e Saly:

Coloquei o dedo nas feridas da alma e espremi lamentos. Desencantos. Desabafos. Estas mulheres simbolizam a dor no mundo. Bebo as suas dores, os seus sentimentos. Elas tinham no peito uma flor e se deram por amor. Abriram o corpo, esse mágico labirinto, e deixaram germinar outras flores sem rega, nem pão, nem esperança. Sofro por essas crianças. A situação destas concubinas é de longe pior que a minha. Sem proteção legal, nem familiar. (CHIZIANE, 2004, p. 104)

Nessa cena, é notória a atenção aguçada de Rami, em ouvir cada uma das mulheres que se sentiam lesadas, também, em função do relacionamento com Tony. Nesse momento, elas puderam compartilhar suas experiências traumáticas, cada uma a seu modo e respeitando suas vivências e dores. A cada momento de união dessas mulheres, percebe-se um movimento para a superação da dor, conectadas a uma realidade existente, não mais para depreciá-las, mas sim para elas se valorizarem, diante de um regime que não as quer seguras de si. Por isso, nasce na líder do grupo a clareza de uma mudança urgente: “É preciso inverter as ordens das coisas.

Mas como? Reúno todos os sentimentos recolhidos em cada boca e faço a radiografia do amor” (CHIZIANE, 2004, p.105).

A essa inversão, associa-se à teoria de empoderamento de Joice Berth (2020). Uma vez que movimentos feministas surgem com o intuito de romper barreiras impostas pelo patriarcado, automaticamente amplia-se a noção universal do que é ser mulher. E esse caminho se abre para as mulheres negras, indígenas, periféricas, pobres etc. Mulheres que nem sequer faziam parte de pesquisas de dados para os programas de políticas públicas, hoje lutam para ocupar seus lugares de fala, levando em conta todos os aspectos interseccionais. A professora Dra. Elisabete Nascimento³ sempre traz em suas falas a indagação de Spivak (2010) “Pode o subalterno falar?”. E sua retórica é que o subalterno sempre falou, porém, por muito tempo, ninguém o escutou. Assim podemos perceber nas mulheres e seus movimentos, como muitas que já gritavam, porém não recebiam a devida credibilidade. Atualmente, já é possível perceber um progresso para o lugar de fala e escuta de todas as mulheres.

Esse progresso é acompanhado da palavra empoderamento. Porém, muitas vezes, estrategicamente, seu significado se desdobra de forma distorcida. Ao olhar nas mídias e redes sociais, é nítida uma definição bastante superficial do que é ser empoderada. Essa banalização da palavra se deve ao recurso adotado pela misoginia para desviar nossos olhos para o fortalecimento de nossas ideias, conquistas e reivindicações. Portanto, Berth (2020, p. 51) sinaliza que essa estrutura “promove a despolitização do conceito, reduzindo-o à mera expressão das liberdades individuais”. Pensar em empoderamento é romper com as formas antirracistas e antissexistas, através de ações que combatam esses sistemas opressores. Berth (2020) traz a reflexão de uma socióloga colombiana Madalena León que observa:

Uma das contradições fundamentais do uso do termo “empoderamento” se expressa no debate entre o empoderamento indi-

³ Possui graduação em Licenciatura em Letras Português/Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991), Mestrado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997) e Doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: afrobrasilidades, Educação, literatura brasileira, Letramento e Formação do leitor. Exerceu, por 33 anos, o magistério na educação básica e 15 anos na educação superior e exerceu a coordenação do Programa Universidade para Todos do MEC (PROUNI), na Unidade Pio X da Universidade Candido Mendes (de 2008 à 2010). Construiu e implementou o Projeto Acadêmico da UCAM Santa Cruz. Fazem parte deste projeto: o Laboratório de Práticas Pedagógicas(com sala de leitura/ Formação do leitor, brinquedoteca, Programa de Formação Continuada/Reforço Escolar e Reforço Acadêmico, Incubadora de Geração de Renda); Laboratório de Afrobrasilidades-LABORAFRO(NEAB onde desenvolvem-se pesquisas em consonância com a Lei 10639-03); Laboratório de Memória Audiovisual(Neste, são desenvolvidas pesquisas sobre o patrimônio material e imaterial de Santa Cruz) e Centro de Referência em Direitos Humanos, cuja proposta é coletar dados, interpretá-los e produzir pesquisas sobre Direitos Humanos nos cursos de Letras, História, Pedagogia, Direito, Engenharia, Administração, Ciências Contábeis. Área de atuação: Afrobrasilidades; Direitos Humanos/Mediação de Conflitos; Gênero, “raça”, Letramento e formação do leitor. Membro do COMIRA-Conselho de Igualdade Racial/SJM, docente credenciada ao Curso de Práticas de Letramento/IFRJ. Acesso ao lattes - <http://lattes.cnpq.br/2185467989632495>

vidual e coletivo. Para quem usa o conceito na perspectiva individual, com ênfase nos processos cognitivos, o empoderamento se circunscreve ao sentido que os indivíduos se autoconferem. Toma um sentido de domínio e controle individual, de controle pessoal.

E “fazer as coisas por si mesmo”, “ter êxito sem ajuda dos outros”. Esta é uma visão individualista, que chega a assinalar como prioridade que os sujeitos sejam independentes e autônomos no sentido de domínio de si mesmos, e descarta as relações entre as estruturas de poder e as práticas da vida cotidiana de indivíduos e grupos, além de desconectar as pessoas do amplo contexto sociopolítico, histórico, de solidariedade e do que representa a cooperação e a importância de preocupar-se com outro (LÉON, 2001, p. 97; apud BERTH, 2020, p. 52).

Em *Nicketche*, temos uma narrativa que apresenta a real condição do ato de empoderar-se, pois temos uma protagonista que lidera uma irmandade, de forma que cada componente tenha as suas próprias conquistas, considerando-se empoderada não só individualmente, como também coletivamente. As personagens do romance percebem que quanto mais articulam entre si, mais se fortalecem para a ruptura da masculinidade e de seu poder sobre as mulheres. Na reunião em que estão quase todas juntas, Rami finaliza com uma convocação.

Somos cinco. Unamo-nos num feixe e formemos uma mão. Cada uma de nós será um dedo, e as grandes linhas da mão a vida, o coração, a sorte, o destino e o amor. Não estaremos tão desprotegidas e poderemos segurar o leme da vida e traçar o destino (CHIZIANE, 2004, p. 105).

Nesse caso, trata-se de mulheres com problemas em comum, que encontram na união o caminho para o empoderamento. Então, constata-se que

a coletividade é o resultado da junção de muitos indivíduos que apresentam algum - ou alguns elementos em comum, estamos falando de um processo que se retroalimenta continuamente. Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, conseqüentemente, será formada por indivíduos com alto grau de recuperação da consciência do seu eu social, de suas implicações e agravantes. (BERTH, 2020, p. 52)

Essa recuperação de “consciência do seu eu social, implicações e agravantes (BERTH, 2020, p. 52)” é explicitada a cada centelha de serendipidade do romance. Por isso, através do empoderamento coletivo temos a sensibilidade feminina à tona, as articulações para estratégias de sobrevivência, superação em dororidade, além de uma movimentação de mulheres, que antes estavam acomodadas, para as circunstâncias de felicidade. Então, acredita-se que, assim como a ideia de coletividade está ligada à ideia de felicidade africana, o empoderamento segue o mesmo viés. Ao longo do romance, observamos mulheres que se regozijam diante de suas superações e como elas vão criando uma relação harmônica, agindo em sintonia para alcançarem seus objetivos. Com laços cada vez mais estreitos, elas se organizaram para se apresentarem como esposas do Tony em seu aniversário de 50 anos. A intenção era chamar a atenção de todos para as ações de um homem que vivia em um regime não mais oficial na região que Rami, a verdadeira esposa, morava com ele.

Rami faz um discurso de aniversário e Julieta, Luísa, Saly vão chegando e se acomodando ao lado de Rami, organizando as crianças, todas vestidas iguais. Por fim, entra Mauá. Assim, a mestre de cerimônia apresentou todas elas aos convidados e fez questão de mostrar que havia uma boa relação entre elas: “Todas entraram traiçoeiras como serpentes. Suaves como a música da alma. Elegantes como verdadeiras damas” (CHIZIANE, p. 108).

Instalou-se um escândalo que deixou o aniversariante bastante desconcertado e sem palavras para explicar tamanha falta de moralidade para seus convidados e parentes católicos. Entre um uísque e outro, pensando em respostas, Tony estava exposto aos julgamentos das pessoas. Algumas foram embora e outras fizeram discursos favoráveis para confortá-lo. Na primeira oportunidade que teve, Tony fugiu de sua festa. Porém, as irmãs ficaram satisfeitas por terem alcançado seu objetivo que era dar visibilidade a todas elas. Assim, com a mente sempre em alerta, Rami destaca:

as minhas rivais entraram todas no paraíso, sim, entraram. De marginais passaram a gravitar dentro do cerco da família. De ignoradas e invisíveis passaram a conhecidas e visíveis. Podem a partir de hoje saudar os tios, os avôs dos filhos, sem nenhum receio. E eu, o que ganhei com esta farsa? (CHIZIANE, 2004, p. 112)

Mesmo se sentindo em desvantagem, em alguns momentos, Rami começa a fomentar nas outras a necessidade de uma independência financeira, para que não

haja necessidade de passarem vergonha, pedindo “dinheiro para sal e carvão” (CHIZIANE, 2004, p. 117) a Tony. Então, cada uma relata no que já trabalhou ou no que sonhava em trabalhar, uma vez que compreenderam que era preciso trabalhar para prevenir a miséria e viver bem. Logo, Rami dá início a rede de apoio financeiro com um dinheiro que tinha guardado. E com o bom uso dele, todas puderam empreender de alguma forma e comemoravam seus lucros, entendendo também que nem todo o lucro deveria ser anunciado ao marido. Unidas, todas se tornaram mulheres bem-sucedidas.

Vendemos a roupa usada durante seis meses. Criámos capital. A Lu e eu, cada uma de nós abriu uma pequena loja para vender roupas novas e o negócio começou a correr melhor. A Saly construiu uma loja. Vende bebidas por grosso. Tem um café e um salão de chá. A Ju conseguiu fazer um pequeno armazém e já vende bebida por grosso. A Mauá abriu um salão de cabeleireiro no centro da cidade e continua a fazer trabalho na garagem de casa. Tem uma clientela que nunca mais acaba (CHIZIANE, 2004, p. 122).

Durante esse processo de independência financeira, a poligamia foi se consolidando com o apoio das famílias, principalmente da mãe de Tony que viu vantagem em ter muitos netos naquele momento. Passaram por algumas festas para que os lóbulos fossem feitos e ainda as esposas tiveram conselhos sobre como se organizar no regime polígamo. Porém, eis que Rami é surpreendida com sinais de que Tony estava com uma amante. Ora, é perceptível, portanto, que o hobby favorito desse homem não era ter várias mulheres e sim trair. Tal acontecimento só reforça a ideia de que nessa sociedade, o homem engrandece seu *status quo* de acordo com o número de mulheres que possui, uma vez que tratam as mulheres como mercadorias. Após investigações, foi confirmada a traição do Tony com uma mulher mulata, mais velha, sem filhos e independente. Decidiram, então, fazer um protesto através de uma manifestação amorosa pacífica, para que Tony se conscientizasse do que estava fazendo com elas. Oferecido um jantar na casa da Saly, observamos a primeira vez que Tony se pronuncia no romance.

A Mauá é o meu franguinho — diz —, passou por uma escola de amor, ela é uma doçura. A Saly é boa de cozinha. Por vezes acordo de madrugada com saudades dos petiscos dela. Mas também é boa de briga, o que é bom para relaxar os meus nervos. Nos dias em que o trabalho corre mal e tenho vontade de gritar procuro-a só para discutir. Discutimos. E dou gritos bons para oxigenar os pulmões e libertar a tensão. A Lu é boa

de corpo e enfeita-se com arte. Irradia um magnetismo tal que dá gosto andar com ela pela estrada afora. Faz-me bem a sua companhia. A Ju é o monumento de erro e perdão. É a mulher a quem mais enganei. Prometi casamento, desviei-lhe o curso da vida, enchi-a de filhos. Era boa estudante e tinha grandes horizontes. É a mais bonita de todas vocês, podia ter feito um grande casamento. Da Rami? Nem vou comentar. É minha primeira-dama. Nela me afirmei como homem perante o mundo. Ela é minha mãe, minha rainha, meu âmagô, meu alicerce (CHIZIANE, 2004, p. 139).

Não há a menor intenção, neste artigo, de dar espaço para uma voz masculina, a não ser para enfatizar a quão cruel e naturalizada é a prática machista. Nessa fala de Tony, é visível como as mulheres não passam de objetos ou seres domesticados. Todo esse discurso é validado pela família e sociedade. A partir dessa declaração, começou a brotar nas mentes dessas mulheres uma enorme indignação pelo tratamento que vinham recebendo do homem que dizia ter “respeito por todas as mulheres do mundo” (CHIZIANE, p. 139).

Esse mesmo homem respeitador justifica sem ressalvas que tem uma amante mulata porque as esposas são “uma cambada de pretas” e por isso queria “tocar numa pele mais clara” (CHIZIANE, p. 140).

Essa postura soberba do homem diante das cinco esposas nutriu mágoas, raivas que fomentam reflexões diante do incômodo de ver o marido com cinco esposas e ainda considerar a possibilidade de ter mais uma como amante:

“Pela primeira vez enfrentámo-lo sem medo e dissemos todas as verdades. Dissemos tudo o que nos doía. Delirámos. Estamos cansadas das tuas paixões, dizíamos...” (CHIZIANE, p. 140).

Após os desabafos e discussões, Saly toma a iniciativa de trancar a casa e desafiar o Tony a dormir com todas de uma vez, já que cada uma tinha um apreço especial. Todas acharam a ideia genial, pois perceberam que eram “cinco contra um”. “Cinco fraquezas juntas se tornam força em demasia” (CHIZIANE, 2004, p. 143).

A aceitação da exposição em grupo a Tony revela mulheres com uma certa abertura intelectual para questionar a crença de que a nudez feminina é sinal de má sorte ou uma espécie de maldição: “é protesto extremo, protesto de todos os protestos [...] Dá azar. Provoca cegueira. Paralisa” (CHIZIANE, p. 144). O encontro ao acaso das cinco esposas com o marido produziu-lhe um pânico tão grande que

ele desestabilizou: “O Tony leva as mãos à cabeça e depois ao rosto para esconder os olhos e gritar: Meu Deus! Por favor, parem com isso, por Deus, que azar é este que me dão agora?!” (CHIZIANE, p. 143). Assim, o marido busca culpar Rami por ter acompanhado as outras na ideia de fazer strip-tease. Pressionado, ele resolve falar sobre Eva, a ponta do heptágono amoroso. A descrição que ele fez da relação gerou uma dúvida se o que dizia era verdade ou não. Na verdade, pode ter sido a estratégia adotada por esse homem para mais uma vez sonegar os sentimentos de suas mulheres e culpabilizá-las, utilizando Rami como ferramenta principal dessa culpa. E sua estratégia parece funcionar, porque a mulher líder percebeu que todas estavam “muito espantadas, apreciamos o perfil inédito do marido chorão” (CHIZIANE, p. 145). Consequentemente, tiveram a impressão de que:

éramos o solo fértil não cultivado, não adubado nem regado onde o semeador um dia lançou a semente e o abandonou em busca de novas conquistas. (CHIZIANE, 2004, p. 146)

Essa reflexão de Rami corrobora o provérbio zambeziano já citado “Mulher é terra. Sem semear, sem regar, nada produz”. Porém, trata-se de um paradoxo, uma vez que Rami e suas irmãs estão rompendo barreiras da tradição para serem valorizadas enquanto mulher. Enquanto o provérbio sinaliza que nada produz se a mulher não for “semeada”, as ações de Rami mostram — mesmo que ela ainda não tenha plena consciência disso — que esse solo fértil pode ser adubado, semeado e regado por elas mesmas. E é exatamente isso que elas têm feito ao se tornarem empreendedoras e assumirem algumas decisões.

Portanto, diante de tanto desespero de Tony, Rami começa a refletir sobre a nudez da mulher.

Nudez. Nudez malvada, nudez sagrada. Nudez mata, nudez que encanta. Mini-saia. Striptease. Carnaval nu. Bunda de carnaval, atracção fatal. Nudez de sereia, nos aquários dos melhores prostíbulos. Pornografia de filme, de revista, peep-show. Pornografia ambulante nas ruas da cidade, quando a noite cai. Nudez inspirando voos maravilhosos e catástrofes apocalípticas. (CHIZIANE, 2004, p. 147)

A nudez traz a Rami uma série de reflexões sobre como ela é vista em culturas diversas, inclusive como é complexo entender que, em alguns momentos, a nudez é uma benção e, em outros, a nudez é maldição. Por fim, entende-se que a nudez da mulher é pertinente ou não de acordo com a necessidade da estrutura patriarcal que vivemos.

A partir de Chevalier e Gheerbrant (2009), a nudez não tem um olhar universal, já que, por exemplo, no Ocidente, ela simboliza sensualidade, ao mesmo tempo que simboliza o pecado original da tradição cristã. Por esse exemplo e outros, o simbolismo do nu desenvolve-se em duas direções: a da pureza física, moral, intelectual, espiritual e a vaidade lasciva, provocante, desarmando o espírito em benefício da matéria e dos sentidos. (CHEVALIER, 2009, p. 645). Nesse viés, a nudez feminina é uma ameaça ao patriarcado. A exemplo disso, esses pesquisadores exemplificam casos em que a nudez masculina tem relação com um “transe guerreiro” (CHEVALIER, p. 646). Isso quer dizer que guerreiros nus portam um ardor capaz de fazer com que “neve derreta”. (CHEVALIER, p. 646). Já a nudez feminina, ainda mais se for coletiva, resulta em maldição e morte. A exemplo, eles citam um conto em que cinquenta mulheres nuas torturam um jovem, mergulhando sua cabeça em cubas de água fria, água fervente e água em temperatura ambiente, alternadamente.

Entre alguns exemplos que Rami trouxe para refletir sobre a nudez feminina, há relatos de mulheres nuas acompanhando os guerreiros na hora do combate na guerra civil, usando missangas na cintura à frente do pelotão. E a postura desafiadora desta mulher afugentava os inimigos que tinham medo da morte ou de serem amaldiçoados. Porém, há uma história de mulheres que levantaram as saias e mostraram os traseiros para o rei para que ele pudesse entender o descontentamento delas pelas mortes dos maridos rebeldes. Como o rei não pode suportar tamanha afronta, sofreu um ataque cardíaco no mesmo dia. Os dois exemplos mostram a potência das mulheres e o que elas podem conseguir sozinhas ou acompanhadas. Essa potência a cada dia eclode mais, incomodando aqueles que estão no poder, seguros de que são dominantes. Mas há mulheres brotando ideias e com atitudes arrebatadoras que, um dia, vão “inverter a ordem das coisas”, expressão já citada por Rami. De repente, em meio às suas reflexões, Rami se vê em um conselho de família convocado por Tony, uma vez que ele, amedrontado, queria reclamar de todas as mulheres. Sem explicitar o momento da nudez, ele busca arrumar motivos para incriminá-las e, após o conselho das famílias constatar que todas cozinhavam e serviam a comida como deveria, apegar-se ao fato de que não comia muitas moelas, motivo de ampla discussão.

Nós, as esposas, entreolhamo-nos. Esta gente reuniu-se para nos obrigar a andar de cabeça baixa. Como olhos na terra. Mas olhar a terra é olhar para as searas onde os pés de milho seguram as espigas como filhos às costas. É olhar para o verde arrozal iluminando a terra com tapetes dourados de grão. No chão estão os campos de amendoim, de lírios, cardos, violetas. No chão poisam os pombos na hora do beijo. Os homens andam de cabeça erguida para o céu, mas a terra é o berço e o céu apenas a estrada láctea, eterna passagem (CHIZIANE, 2004, p. 154).

Olhar para baixo e ver as múltiplas possibilidades de fertilizar o solo demonstra que Rami inicia um processo de construção intelectual adversa às metáforas citadas sobre a mulher ser um solo fértil, o qual, se não for cuidado por alguém, nele nada crescerá. Ela começa a entender que seu solo pode ser fertilizado por suas próprias ideias e constatações. Logo, é nítida a percepção de que o conselho familiar não serviria para compreendê-las. Portanto, todas, apesar de sufocadas, não buscaram uma defensiva; com exceção de Mauá que falou em nome de todas sobre a noite da nudez coletiva e questionou o conselho em relação à espécie de crime que elas teriam cometido. Assim ela compreende que as mulheres seriam censuradas de qualquer forma, sendo ciumentas ou unidas, porque o que mais importava era a fala de Tony de que se ele morresse, todos já saberiam que elas seriam as responsáveis. Assim termina a reunião. Afinal, esse conselho familiar aniquilou-as, inclusive com apoio de algumas mulheres, com exceção da mãe de Rami, que tentou defendê-la sem sucesso: “Ninguém nos perguntou o que sentíamos, o que comíamos, como vivíamos” (CHIZIANE, 2004, p. 158). Após a reunião findada, enquanto as famílias confraternizaram com comes e bebes, as cinco mulheres estavam reunidas conversando sobre o momento difícil que passaram. Insuportável saber que Tony saiu melhor daquele conselho do que entrou. Agora estava cheio de si e restabelecido do caos gerado pela nudez de suas mulheres. Nesse momento, Rami concebe uma descoberta que, após muitos sinais de sua aparição, finalmente é detonada após essa reunião do conselho.

Eu digo-lhes: meninas, exagerámos! Mas a nossa vingança não falhou o alvo, pelo contrário, superou as expectativas. Foi uma descoberta fascinante que revelou segredos inimagináveis. Foi maravilhoso conhecer um Tony frouxo, um Tony louco, que chora como uma criança e pede socorro ao conselho de família assustado por um papão. Afinal, acabamos de descobrir a poderosa arma secreta. Podemos usar nossa nudez para assustá-lo, torturá-lo, arrepiá-lo até à medula e à medida da sua maldade. Rimos. (CHIZIANE, 2004, p. 160)

Nessa cena transborda na consciência de Rami um momento serendipitoso. Pode-se afirmar isso, porque, primeiramente, houve uma quebra de rotina em que todas se reuniram nuas diante do marido. Depois, há abertura intelectual de Rami que, ao observar um dado anômalo — o pavor do Tony —, inicia um processo de reflexão sobre a nudez que é concluída após a reunião do conselho, em que ela compreende a melhor das descobertas: que elas têm o poder de atacar Tony. Em seguida, todas riem, encontrando entre elas a paz e a satisfação que lhes trazem um momento de felicidade.

Por se tratar de uma narrativa autodiegética, não é possível confirmar; porém, não exclui a possibilidade de que esse momento de serendipidade tenha sido coletivo, uma vez que todas vivem o momento de autorrecuperação, buscando desafiar a política de dominação e experimentar novas formas de viver bem. Além disso, no momento de quebra de rotina por acaso e abertura intelectual, todas estavam presentes, dialogando entre si sobre suas reações posteriores à cena de nudez e strip-tease coletiva. E a descoberta da fragilidade do Tony engrandeceu a todas elas. Ainda se sentindo em desvantagem, Rami não desiste de enfrentar o machismo estrutural, representado pela figura de Tony.

Vou arregaçar as mangas e entrar numa nova briga. Vou atacar o Tony com sua própria arma: mulheres. Não se pode dormir com todas as mulheres do mundo, sabe-se. Mas vou incitá-lo a ter todas as mulheres do planeta! Todas! Nas minhas têmporas o cabelo branco já espreita. Sinal de maturidade e sabedoria. Isso é experiência. Estas quatro mulheres à minha frente são as minhas armas e as outras que ainda hão-de vir serão as minhas balas. Veremos quem sairá vencedor! (CHIZIANE, 2004, p. 162)

Nessa guerra, Rami é desafiada por Tony, que pede o divórcio para puni-la. No entanto, ela reage agressivamente ao advogado que foi levar os documentos para a assinatura do divórcio. Após arranhá-lo e dar socos, ela se sente leve, pois bateu em um homem da lei. Ela se viu liberta de uma raiva contida por muito tempo. Logo após esse episódio, recebeu o apoio de suas rivais, as quais buscaram estratégias para Rami continuar casada. Julieta, por exemplo, relatou não suportar viver sem essa relação de irmandade construída e liderada por Rami. Já Mauá aconselha que ela ouse com tatuagens e estratégias de sedução para mantê-lo com ela. Sabemos que a fluidez de pensamentos entre elas dialoga muito com suas culturas de origem. Em mais um episódio dessa guerra, Rami questiona sua vitória ao se tornar viúva, pondo fim à possibilidade de ser divorciada. Mal teve tempo de reagir e compreender como o marido morreu, as mulheres deram início ao rito da viuvez, ao mesmo tempo que a difamaram, a culparam e a chamaram de feiticeira. De repente, sua casa estava toda coberta com panos brancos, móveis trocados de lugar, sua cabeça raspada e vestida de preto. Não demorou a aparecerem as outras quatro esposas para pensarem em estratégias perante o luto, mesmo imbuídas da certeza de que o corpo velado não era o do Tony.

Com isso, veio a discussão sobre a herança de Tony e sobre como seria o Kutchinga, ritual de purificação sexual, oito dias depois da morte do marido, em que a viúva passa a ser propriedade de um dos irmãos do falecido. A princípio, Rami sentiu

um certo arrepio ao pensar que estavam tratando seu corpo como propriedade. Depois, ela se sentiu vitoriosa ao saber que o irmão que fazia parte do ritual era Levy, por quem ela tinha grande atração: “É um monumento de diamante, esse homem” (CHIZIANE, 2004, p. 217).

Mesmo conhecendo Eva, que afirma que Tony está vivo, ela se vê ansiosa para ter intimidade com o cunhado. No funeral, já trocava olhares com Levy, torcendo para que o Tony não aparecesse antes do ato consumado. E dando prosseguimento à tradição, ela perde os móveis e a casa para os parentes que disputam cada item da herança. Chegando o dia do *kutchinga*, Rami é acordada bruscamente pelas mulheres que organizam o ritual com uma preocupação excessiva da sua realização; porém, nenhuma fala direcionada ou atenciosa à viúva. Ela se surpreendeu com o toque de Levy, uma vez que ela não tinha sido informada que toda aquela comoção era por causa do ritual. Na mesma hora do toque, ela se sentiu plena: “Sou o teu tambor Levy, toca na minha alma, toca. Meu Deus o paraíso está dentro do meu corpo” (CHIZIANE, p. 225).

Para sua sorte, Tony aparece horas depois do ritual. Ela conta tudo a ele e ainda ironiza, dizendo-se “tchingada de fresco”. Rami ainda retruca ao ser questionada pelo falecido vivo por que motivo não resistiu ao ritual: “É nossa tradição, não é? Não me maltratou, descansa. Foi até muito suave, muito gentil. É um grande cavalheiro, aquele teu irmão” (CHIZIANE, 2004, p. 227).

Com muitas provocações e deboches, Rami se sente em vantagem nessa guerra com Tony. Ele reaparece desmoralizado, pobre e pode até se dizer arrependido. Assim, ele chora, demonstra carência, pede perdão e ela não recua, insistindo em abandonar a casa e dar continuidade à tradição de morar com Levy. Porém, quando as outras quatro esposas aparecem, o objetivo dela muda. Então, é melhor aproveitar que todas estão juntas para questionar, julgar e culpar Tony por toda trama. Inclusive, elas o deixam chocado, ao descobrir as intenções delas de trazer Eva para a família. Aceitá-la como a sexta esposa foi uma condição para ela desistir da ideia do divórcio que no momento era o que queria. A partir desse momento, houve vários desdobramentos; as mulheres de Tony foram assumindo suas independências e outros romances mais sólidos. Rami se manteve casada, aconselhando as outras e incentivando-as a se libertarem do relacionamento com Tony. Todas aprenderam com Rami e reconhecem isso.

Rami, minha grande mãe, não te esquecerei. Tu és mulher sobre todas as mulheres do universo. Sou uma empresária de sucesso. Uma noiva bela. Uma esposa de facto. A minha felicidade é obra das tuas mãos, obrigada, Rami. (CHIZIANE, 2004, p. 290)

Rami, olha como é bela a tua obra. O que seria de nós sem ti? [...] com a força da Rami conseguimos mudar o curso do nosso destino. Obrigada, Rami. (Idem, 2004, p. 290)

As mulheres de mão dadas devem mudar o mundo, não é, Rami? (Idem, 2004, p. 290)

Essas falas de Luísa, Mauá e Saly mostram a Rami o quanto ela foi importante para que elas tomassem grandes decisões. Mas a que mais a surpreendeu foi Julieta que revelou já estar há dois anos em um relacionamento com um homem branco, rico que adotou todos os seus filhos. Em suma, todas encontraram novas histórias de amor para viver, desfazendo o casamento polígamo, mesmo diante da tentativa de Rami de trazer Eva e depois uma jovem menina chamada Saluá.

Dessa relação, restaram os protagonistas iniciais: Rami e Tony. E afinal, quem venceu essa guerra dos sexos?

Tony continuou a falar meias verdades e mentiras. Rami continuou a desconfiar e desacreditar as falas dele. Por um momento, achei que havia um empate, uma vez que o machismo continuou soberano e o feminismo submisso. Até me decepcionei, imaginando que o final do romance seria Rami imersa na tristeza e na baixa autoestima. Que injusto seria se não houvesse algo bastante desafiador para a masculinidade do Tony: “Rami, é um filho? Diz que é meu, diz e salva-me” (CHIZIANE, p. 332). Ser pai do filho do irmão, fruto de uma noite em que Rami se sentiu amada. Noite essa validada pela mesma tradição que a oprimia e que lhe foi perversa algumas vezes. Então, quem ganhou essa batalha?

Ruínas de uma família. A Lu, a desejada, partiu para os braços do outro com véu e grinalda. A Ju, a enganada, está loucamente apaixonada por um velho português cheio de dinheiro. A Saly, a apetejada, enfeitiçou o padre italiano que até deixou a batina só por amor a ela. A Mauá, a amada, ama outro alguém. Só fiquei eu, a rainha, a principal, para lhe salvar a honra de macho. Todas elas vieram e pousaram no meu tecto, uma a uma, como aves de rapina. Agora levantaram voo uma atrás da outra. Todas amaram meu homem, sugaram-lhe todo o mel e partiram. Agora está à beira do abismo. Treme, pede socorro. Meu Deus, eu sou poderosa, eu sinto que posso salvá-lo desta queda. Tenho

nas mãos a fórmula mágica. Dizer sim e resgatá-lo. Dizer não e perdê-lo. Mas eu o perdi muito antes de o encontrar. Ignorou-me muito antes de me conhecer (CHIZIANE, 2004, p. 332).

As mulheres.

Referências

ABEL, Taís dos Santos. **Serendipidade em Insubmissas Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo e Niketche, de Paulina Chiziane**. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2018.

CATELLIN, Silvie. **Sérendipité**. Paris: Éditions Du Seil, 2014.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera da Costa e Silva *et al.* 19. 24ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FONSECA, Fonseca, M. N. S. (2004). **Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas**. *Scripta*, 8(15), 283-296. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12586>. Acesso em: 13 fev. 2023.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**, Trad. Ana Luiza Libânio, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2018.

_____. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

METAXY Revista semestral do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas em Direitos Humanos do NEPP-DH/UFRJ. ISSN 2526-5229. Avaliação A4. **Relatos de experiência em torno da parábola do porco espinho**. Relatos de experiência em torno da parábola do porco espinho. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy/announcement/view/466>. Acesso em: 2 mar. 2022.

MERTON, Robert K. e BARBER, Elinor G. **The Travels and Adventures of Serendipity: A Study in Sociological Semantics and the Sociology of Science**. Princeton University: 2004.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Bordejando a margem** (escrita feminina, cânone africano e encenação de diferenças). *In: Scripta*. Revista do Departamento de Letras, do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros. Ces-puc. PUC Minas, v. 8, n. 15, Belo Horizonte, 2º sem. 2004, p. 255-268.

PIEADADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

SCHMIDT, Simone. **Paulina Chiziane: para ler Moçambique no feminino**. In: SECCO, Carmen Tindó, SEPÚLVEDA, Maria do Carmo e SALGADO, Maria Teresa, (Orgs.). *África & Brasil: letras em laços*. Vol. 2. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2010.

SILVA, Maria Teresa Salgado Guimarães da. **Um olhar em direção à narrativa contemporânea moçambicana**. Revista Mulemba, n. 3. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Contribuições dos Autores / ou Declaração de Autoria

Declaro a autoria do artigo, com contribuições resultantes do projeto de pesquisa recém elaborada para tese de doutorado, intitulada “Serendipidade nas obras Insubmissas Lágrimas de Mulheres”, de Conceição Evaristo e “Nicketche”, de Paulina Chiziane, defendida em julho de 2023. Para tal pesquisa, apoiou-se nos teóricos citados neste artigo, como Merton(2004), Cattelin(2014), hooks(2019) etc.

Conflito de interesse

Declaro a inexistência ou a existência de algum tipo de conflito de interesse relacionado a este artigo.